



CONHECIMENTO EM PAUTA

Conectando saberes, criando caminhos.

3º Ciclo de webinários do
CIT sobre o rompimento
da barragem de Fundão.

FICHA CATALOGRÁFICA

ORGANIZADOR



PALESTANTES

Lucas Bois
Tamara Marques
Felipe Santana
Grazi Reis

MEDIAÇÃO

Maria Eugênia Salcedo

PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO

H&P

EQUIPE CIT FUNDAÇÃO RENOVA

Flávio Chantre – Diretor
Carolina Maciel – Gerente
Iara Morena – Coordenadora
Carlos Oliveira – Especialista
João Freitas – Especialista
Isabella Cunha – Analista
Simone Meira – Analista

EQUIPE CIT H&P

Guilherme Silveira – Diretor
Marina Lanza – Coordenadora Diálogo/CIA/CIT
Cléber Becho – Liderança
Sandra Lúcia de Paula – Coordenadora PG35
Rafael Santos – Consultor
Amanda Guariento – Consultora
Sílvia Marques – Analista CIT Mariana
Bruna Santos – Analista CIT Linhares
Mônica Carmo – Analista CIT GV

SUMÁRIO

4

Apresentação

Retrato de barro: um recorte
fotográfico à margem da
sociedade brasileira após o
rompimento da barragem de
Fundão

11

23

Da realidade fraturada
a patrimônio cultural:
o rompimento de
Fundão e o processo de
patrimonialização da
Capela de Santo Antônio
em Paracatu de Baixo.

Qualidade da água
nos rios Gualaxo do
Norte e Carmo após
o rompimento da
barragem de Fundão.

33

43

O João-de-barro e mar de
lama: o rompimento das
barragens de Fundão e
Brumadinho sob a ótica
da literatura infantil

APRESENTAÇÃO

Nas asas de um João-de-barro avistamos um rio!



No terceiro ciclo da série Conhecimento em Pauta, tivemos a oportunidade de navegar por diversas águas e fazer várias paradas no caminho. Fomos do rio Gualaxo do Norte, passando pelo Rio Carmo rumo ao Rio Doce. Fizemos paradas em Mariana, Paracatu de Baixo, Regência e Brumadinho nas asas do passarinho João-de-barro, personagem principal do livro “João-de-barro e o mar de lama” de autoria de uma das nossas convidadas. Neste ciclo, vimos também imagens de cavalos, bambus e capelas. Vimos a beleza da devoção, do olhar, das águas e da poesia, sem deixar de lado as contradições e a profundidade dos problemas que ainda assolam as áreas atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão, em Mariana.

Na sua terceira edição, o Conhecimento em Pauta foi uma oportunidade de ampliar o repertório técnico para incluir outras áreas do conhecimento. Todo o conteúdo produzido ao redor do ciclo de webinários compõe, afinal, o repertório do CIT, Centro de Informação Técnica, hospedado no site www.citdoriodoce.org. O CIT tem como objetivo divulgar dados e informações, pesquisas e estudos produzidos por pesquisadores após o rompimento da barragem de Fundão, que aconteceu no dia 5 de novembro de 2015. A documentação do CIT acaba sendo um mapeamento amplo e generoso sobre o processo de restauração socioambiental que se desdobra desde a tragédia de 2015.





Nas edições passadas do ciclo, houve um foco grande em compreender que o conhecimento técnico ao redor dos esforços de restauração socioambiental estavam muito focados na área científica. Desta vez, no ciclo de 2023, mesmo ainda havendo uma forte presença de conteúdo científico, foi possível, por meio dos convidados e convidadas, estabelecer diálogos com outras áreas do conhecimento como arte, fotografia, patrimônio, cultura, literatura e ilustração. Ou seja, somam-se aos cientistas, os artistas e assim saímos todos ganhando pois convidamos à mesa novas formas de olhar para o território. Passamos a falar de outras sensibilidades e as emoções passam a ser tão importantes quanto os dados coletados. Nesse sentido, podemos nos inspirar nas palavras de Satish Kumar no seu livro Solo, Alma, Sociedade: Uma nova trindade para o nosso tempo, quando ele diz que

“A verdade, a beleza e a bondade formam um continuum. Quando a verdade incorpora a beleza, nasce a bondade. Não pode haver bondade sem verdade e beleza. A verdade por si só não basta; ela é muito dura, muito aguda, muito crua.”

Fica evidente que à medida que o tempo passa, a forma como compreendemos o ocorrido precisa ir incorporando novas camadas de percepção para dar conta de dar sentido a tudo e ainda transformar aquilo que se fragmentou em formas de estar no mundo.



A cada webinar promovido, que registramos e subimos para o repositório virtual do CIT, fica claro o quão profundo é o efeito do ocorrido nos seres humanos e além de humanos e o processamento precisa de todo apoio conhecimento produzido. Ficamos felizes de poder trazer, então, com o terceiro ciclo do Conhecimento em Pauta, quatro convidados e convidadas que nos brindaram sua sensibilidade. Colocaram seu conhecimento à prova diante da complexidade do que é o rompimento de uma barragem e seus efeitos ao longo dos anos.

Começamos com Lucas Bois, fotógrafo, videomaker e arte-educador. Lucas apresentou o seu trabalho “Retrato de barro: um recorte fotográfico da sociedade brasileira após o rompimento da barragem de Fundão.” Nos tocou profundamente com imagens que nada escondiam e por isso mesmo davam conta de ir revelando aos poucos a dureza das histórias por trás de cada clique que sua câmera fotográfica fez nos dias após o rompimento e em expedições um tempo depois. Pudemos acompanhar o som ofegante da sua respiração à medida que ele narrava o resgate de um cavalo que ele pode acompanhar de perto. Assim mesmo, nos brindou com uma imagem de um bambuzal, como uma régua na paisagem, que mostra o quão alto a lama subiu subitamente, deixando só um desenho surreal nas plantas. O artista nos lembra, ao narrar seu sentimento em relação a trabalhos como o que ele apresentou, que a arte é igualmente linda como é terrível. A arte nos mostra a verdade e nos ajuda a lidar com ela.

Adentrando setembro, estivemos com Tamara Marques, mestre em comunicação pela UFOP e ex-colaboradora da Fundação Renova na área de Diálogo Social e Reassentamento. Foi possível acessar a sensibilidade e senso crítico de Marques por meio do seu trabalho “De realidade fraturada a patrimônio cultural: o rompimento da barragem da Samarco e a patrimonialização da capela de Santo Antônio em Paracatu de Baixo”.



A pesquisa buscou investigar as mudanças de sentido relacionadas à capela de Santo Antônio após o rompimento da barragem e a participação da comunidade no processo de patrimonialização. Marques começou dizendo que tratava-se de “Um trabalho que fala não só de mim, mas de todos e todas que perderam a vida e foram afetados por isso.” Destacando assim a importância da memória individual e coletiva. Com este trabalho, acessamos questionamentos importantes sobre o que é imposto a uma comunidade inteira com um desastre do tamanho que foi o rompimento da barragem de Fundão. Aquilo que existia antes não pode deixar de existir diante da urgência do que se impõe por causa do desastre e o trabalho da pesquisadora nos fez refletir sobre isso na dimensão do patrimônio.

Em um paralelo interessante, vimos imagens da capela Santo Antônio manchada de lama com o mesmo desenho ocre que divide a imagem em dois que vimos na fotografia do bambuzal do artista Lucas Bois. Na capela, fica evidente que a discussão sobre a preservação da mancha entra em conflito direto com o papel que a capela de Santo Antônio já tinha anteriormente. Trata-se afinal de um local de devoção. Por outro lado, a memória da tragédia que fica impressa tanto na capela como no bambuzal precisa ser honrada e despertar em nós uma vontade maior por justiça e por futuros melhores onde a natureza, as árvores, as pessoas e suas vidas estejam acima de qualquer lucro ou protocolo institucional

Na sequência, ouvimos Felipe Santana sobre uma pesquisa voltada para a análise dos impactos dos rejeitos da mineração de ferro na água dos dois rios atingidos, Gualaxo Norte e Carmo, com perspectivas de inferir no processo de recuperação das águas. Santana é engenheiro ambiental e Doutor em Solos e Nutrição de Plantas. Ele chegou dois anos após o rompimento para dar continuidade às iniciativas de coleta e análise de dados fundamentais para compreender a situação que

se desenvolvia nas águas daquele território. Nos mostrando o uso de tecnologias como Machine Learning e uma coleta de dados sistemática, nos ajuda a ter intimidade e desmistificar a “lama”. Passamos a entender que a lama não é só lama. Também nos inspirou a compreender os benefícios que um sistema automatizado de monitoramento da qualidade das águas poderia ter ao subsidiar ações do poder público e outros agentes que atuam e usufruem dos rios afetados. Disponibilizou também o link de todos os dados coletados, que pode ser acessado aqui: [Mapeamento da Qualidade física do gualaxo \(teste. website\)](#). Ao final da sua fala o público refletiu sobre a importância de sustentar iniciativas como estas à longo prazo e como estratégias eficientes de restauro, sentimento que ressoa com os ciclos passados quando, diante de pesquisas como as de Santana, desejamos ver estas ações em maior escala e alcance.

O quarto e último webinar do terceiro ciclo do Conhecimento em Pauta teve como convidada a escritora e jornalista Grazi Reis. Grazi conta a história de como transformou o contato que teve com as notícias do rompimento da barragem em material para um livro infantil que dá conta de incluir as crianças na conversa sobre o ocorrido. Durante a sessão “João de Barro e o mar de lama: os desastres dos rompimentos das barragens de Fundão e Córrego do Feijão sob a ótica da literatura infantil” pudemos tomar consciência da importância de olhar para como as crianças também sofreram e sofrem com eventos como este. O que elas têm a dizer e como a literatura ajuda elas a compreender melhor o que está ocorrendo e o que estão sentindo.

Muitas vezes, a literatura infantil é uma forma de ensinar as crianças que todas as emoções são importantes, universais e gerenciáveis e assim os livros são formas de ajudar as crianças a falar sobre incômodos, traumas e medos. Com Grazi vimos o poder curativo da fala, a valorização de outros personagens que rondam o evento trágico e assim poder promover encontros curativos para dar conta de não repetir o passado.



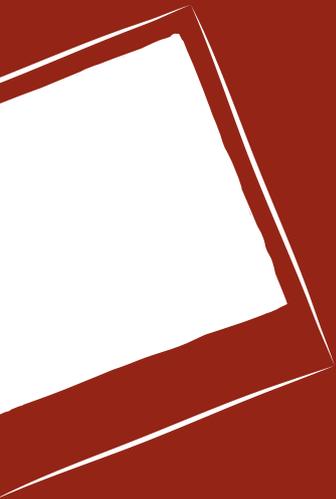
O livro de Reis acaba também incorporando uma segunda parte onde o personagem principal, um simpático João-de-Barro, voa para Brumadinho, também em Minas Gerais. Como sabemos, o rompimento da Barragem de Fundão não foi o único, e anos depois se soma ao luto e luta a cidade de Brumadinho e seus moradores. O livro nos levou nesse percurso e assim nos resta fechar o terceiro Conhecimento em Pauta com as perguntas: o que precisamos fazer para que tragédias como a do rompimento da Barragem de Fundão não ocorram novamente? Como podemos mudar a lente do restauro para uma atitude de prevenção? E enquanto isso não acontece, quais são os recursos que podemos utilizar para dar conta de digerir e transformar a realidade imposta por tragédias como estas? Se nas palavras de Kumar “A beleza é o alimento da alma. É algo essencial e não um luxo. A beleza é para todos e não apenas para alguns.” Que saibamos também lançar mão de todo o conhecimento humano para prevenir, lutar, transformar e, enfim, sonhar novos e mais belos futuros para todos os seres, pessoas, animais, árvores e rios. Para que a próxima vez que peguemos carona nas asas de um passarinho seja para avistar um rio e uma paisagem viva, vibrante e próspera!



Maria Eugênia Salcedo

Mediadora do 3º Ciclo
Conhecimento em Pauta





RETRATO DE BARRO:

um recorte fotográfico à margem da sociedade brasileira após o rompimento da barragem de Fundão.

Autor: Lucas Bois





Fotógrafo, videomaker e arte-educador. Licenciado em Educação Artística pela Escola Guignard (UEMG) e pós-graduado em Fotografia e Mídia no Centro Universitário UNA. De 2004 a 2013, esteve envolvido no campo da arte-educação em projetos sociais e escolas, ministrando aulas de música, artes plásticas e teatro para crianças e adolescentes. Na Fotografia, atua profissionalmente desde 2010 em diversas áreas, com destaque para a fotografia documental e autoral. Desde 2014, dedicou-se também à produção de vídeos, primeiramente na sua produtora Jazz Media, fundada em Buenos Aires (ARG) em 2014, e mais tarde, tornando-se Diretor de Vídeos da Agência i7 em 2017. Trabalha como jornalista freelancer para o portal IJNet e participa do coletivo Agroecologia na Periferia que atua facilitando projetos agroecológicos nos bairros periféricos da grande Belo Horizonte (MG).

“O projeto “Retrato de Barro” consiste em um ensaio fotográfico realizado entre 2015 e 2016, e foi dividido em três partes. Inicia com um “capítulo” que retrata os primeiros dias após a tragédia em Mariana, mais precisamente em Bento Rodrigues e no rio Doce. Fui convidado por um amigo, Pedro Vilela, um experiente fotojornalista, para ir ao local. A chegada foi desafiadora, com estradas e vias interditadas. A primeira foto capturada naquele local mostra a cidade submersa pela lama



As primeiras imagens refletem um cenário de destruição. A dificuldade para se aproximar foi grande e só foi possível após a intervenção de um trator que permitiu acesso ao limpar parte da lama e abrir caminho. A sensação de testemunhar aquele local foi indescritível, um cenário desolador. A segunda foto, que imagino se tratar de uma escola, mostrava uma destruição completa, um ambiente irreconhecível.



A presença dos bombeiros circulando por todo o lugar em busca de sobreviventes era constante. Uma dessas fotos foi de um resgate que acompanhamos ao vivo. A imagem do cavalo simboliza a combinação entre a tragédia e a beleza, provocando sentimentos contrastantes. É uma representação da dualidade da arte, bela e terrível ao mesmo tempo, uma mistura de sentimentos difícil de explicar. Essas fotografias capturam um pouco da essência do que presenciamos naquele momento. Para ilustrar o ocorrido, compartilharei um vídeo que fizemos do resgate do cavalo, oferecendo um vislumbre dos bastidores desse instante.





VEJA O VÍDEO CLICANDO AQUI

Na primeira parte deste ensaio fotográfico, retrato as três cidades que visitamos poucos dias após a tragédia: Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Barra Longa. Paracatu de Baixo se apresentava em ruínas, porém, diferente de Bento Rodrigues, tivemos maior acesso, resultando em muitas imagens de “natureza artística”. Nas fotografias, percebe-se que não eram apenas as casas que estavam devastadas, mas também havia a ausência humana, embora os objetos encontrados reafirmassem a presença delas. Para mim, essa dualidade pode causar alguma confusão na interpretação das fotos, como uma tragédia ou uma expressão artística.

Barra Longa foi a terceira cidade visitada. Encontramos um cenário diferente das anteriores, com pessoas nas ruas realizando mutirões para limpar suas casas. O registro que fiz de um chinelo flutuando na lama sugere a profundidade da tragédia, deixando em aberto se ele pertencia a alguém ali presente ou a um desaparecido.



Marcas horizontais de lama nas paredes das casas lembravam pinturas, e essas marcas se tornaram uma presença constante em toda a paisagem.



Essas são algumas das imagens e histórias capturadas durante esse período devastador, um testemunho da resiliência humana diante da tragédia.



A segunda parte desses registros me levou a outras cidades atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão. Minha rota culminou na foz do rio Doce, em Regência-Linhares/ES, onde concentrei a segunda fase do meu trabalho. Durante alguns meses, integrei-me àquela comunidade desempenhando o papel de pesquisador. Nessa função, dediquei-me à catalogação das pessoas afetadas pelo desastre, enfrentando o desafio de identificar o perfil de cada família. Essa tarefa meticulosa envolveu visitas de porta em porta, buscando compreender quem sofreu impactos com a chegada da lama ao rio Doce. Era uma realidade diferente da anterior, marcada por novos desafios e dores.

Um dos registros fotográficos que fiz captura o rio Doce, nas proximidades da comunidade de Regência. Essa pequena vila, habitada por pescadores, marisqueiros e outros que dependiam do mar e do rio, sofreu um impacto devastador. A praia, antes procurada por surfistas em busca das grandes ondas, foi transformada, comprometendo as atividades locais, como a pesca, o turismo e o comércio. Minha pesquisa direcionava-se a pessoas que residiam próximas ao rio Doce, ribeirinhos e agricultores. Através desse trabalho, aproximei-me das comunidades ribeirinhas e das pessoas que viviam em simbiose com o rio Doce, tendo suas vidas abruptamente interrompidas por essa tragédia.



A dimensão e profundidade da tragédia tornou-se mais clara para mim ao interagir com famílias de baixa renda, pessoas analfabetas e aquelas desprovidas de documentos pessoais. Enquanto os moradores urbanos já enfrentavam dificuldades em receber apoio, imaginei como seria para aqueles que viviam do “outro lado” do rio Doce. A fotografia de um pescador se destaca para mim; busquei capturar sua expressão de desalento e impotência diante da situação. A iluminação da janela ao seu lado destaca o peso do momento. A jornada para chegar às famílias que residiam nas margens do rio Doce foi desafiadora.



Percorrendo plantações de cacau de carro e trilhas a pé, deparei-me com uma cabana isolada. A realidade daquelas pessoas, que já viviam afastadas das cidades, agora afetadas pela chegada da lama, deixou-me impressionado. Esse contato direto me fez refletir sobre a sociedade brasileira, revelando camadas de isolamento e desafios que muitas vezes passam despercebidos. A chegada da lama ao rio Doce não apenas transformou paisagens, mas também evidenciou a vulnerabilidade e a resiliência das comunidades que já enfrentavam as consequências dessa marginalização na sociedade.



Uma das imagens que registrei retratam pessoas ribeirinhas desalojadas, acolhidas em um abrigo na cidade. Originárias de uma pequena ilha no rio Doce, esses moradores viram suas vidas impactadas pela chegada da lama. Pessoas que eram dependentes do rio Doce, foram forçadas repentinamente a interromper o uso da água do rio. Em uma ocasião, o aumento do nível do rio exigiu a retirada de algumas famílias, como a de um morador que registrei num abrigo municipal. Ele teve que deixar sua casa e abandonar seus animais, incluindo porcos e galinhas, que foram levados pela cheia do rio.





As canoas que fotografei, aparentemente distantes da tragédia, ganham significado quando compreendemos mais da história. Em Linhares, um rio chamado de rio Pequeno, alimentado pelo rio Doce, teve 11 barragens construídas para impedir a entrada da lama e proteger as lagoas da cidade, que são afluentes desse rio. Essas medidas, no entanto, geraram controvérsias entre os pescadores, que alegavam que os peixes do rio Doce teriam dificuldades para chegar às lagoas. Essas canoas estavam abandonadas à margem da lagoa, já que não podiam mais sair em busca dos peixes que não desciam o Rio Pequeno.

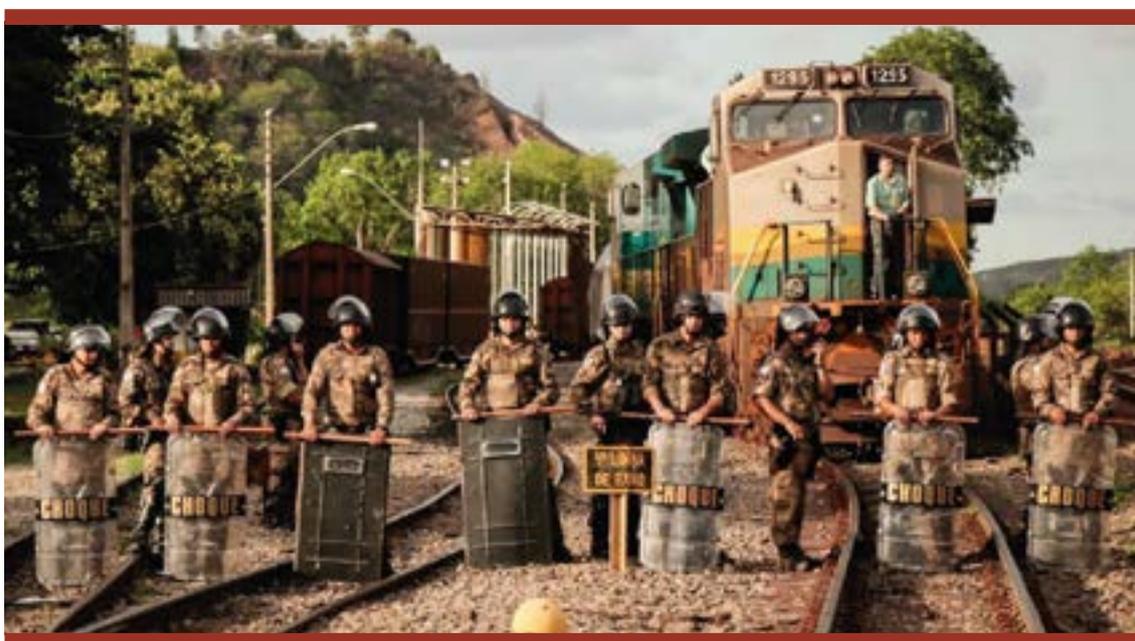


Na terceira parte deste trabalho, destaco registros de um ano após o rompimento da barragem de Fundão, durante a marcha de Regência/ES a Mariana/MG. Minha participação ativa nesse movimento, enquanto colaborador dos Jornalistas Livres, me permitiu testemunhar todo o trajeto percorrido pelo movimento de atingidos por barragens. Este é um movimento essencial para conscientizar as pessoas sobre o impacto sofrido e despertar a sociedade para a magnitude desta tragédia.

A marcha percorreu diversas cidades, incluindo Governador Valadares, no distrito do Rio Doce. As pessoas presentes tornaram-se representantes de um movimento de resistência, dedicadas a lutar pelo direito de viver dignamente em uma sociedade mais justa e igualitária. Agradeço profundamente a esses movimentos, pois sem eles, esses registros perderiam seu propósito.



Uma imagem especialmente marcante para mim é aquela capturada durante um movimento de atingidos na linha férrea, onde um batalhão de choque protegia o trem da VALE. Esta cena impressionante ilustra claramente os interesses políticos e econômicos em jogo. A presença militar, nesse contexto, levanta questionamentos sobre a quem as forças armadas deveriam proteger e se compreendem a natureza da manifestação. A complexidade dessa situação reflete a necessidade urgente de uma reflexão crítica sobre as interconexões entre poder, interesses econômicos e a luta por justiça e dignidade.



Ao encerrar este relato, é imprescindível refletir sobre as interconexões entre poder, interesses econômicos e a luta por justiça e dignidade da população. As imagens apresentadas em Retrato de Barro ultrapassam a mera documentação, instigando uma reflexão crítica sobre a sociedade brasileira e suas vulnerabilidades. Diante da tragédia, emerge a resiliência humana, a necessidade de conscientização e a urgência de repensar as relações entre o homem, o meio ambiente e as estruturas de poder. A jornada através desses registros não apenas nos confronta com os destroços visíveis, mas nos chama a considerar as feridas invisíveis e as batalhas que continuam a ser travadas, mesmo muito tempo após o último clique da câmera.



DA REALIDADE FRATURADA A PATRIMÔNIO CULTURAL:

o rompimento de Fundão e o
processo de patrimonialização
da Capela de Santo Antônio em
Paracatu de Baixo.

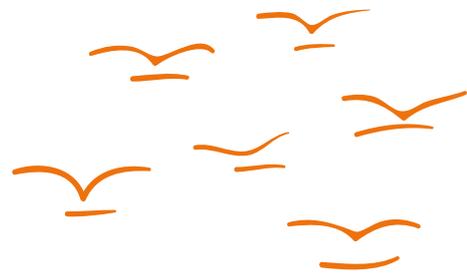
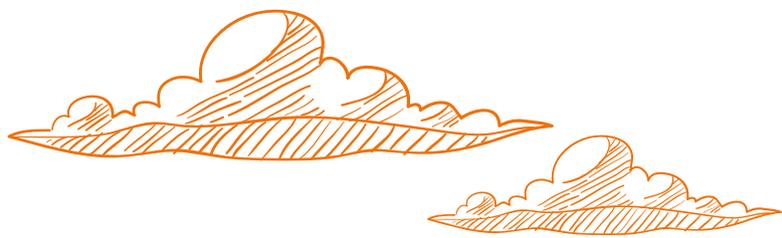
Autora: Tamara Marques





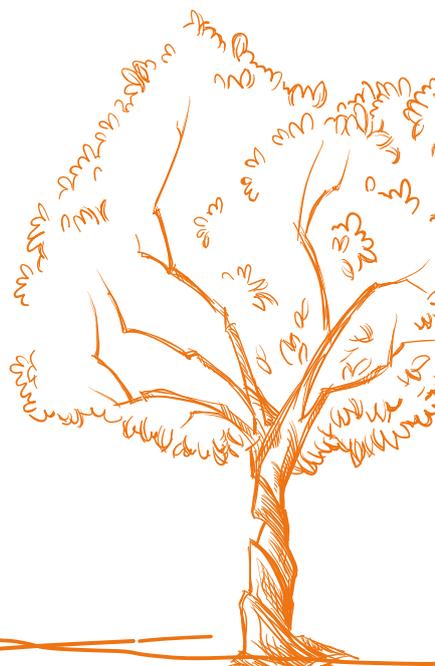
Mineira, criada em meio as montanhas de Ouro Preto, cidade patrimônio cultural da humanidade. Graduada em Turismo e mestre em Comunicação pela UFOP, especialista em responsabilidade social, tendo minha trajetória profissional alicerçada na iniciativa privada e no terceiro setor. Atuei nas áreas de patrimônio cultural, responsabilidade social, diálogo/mediação e deslocamentos involuntários. Atualmente, atuo como consultora na área de gestão social.

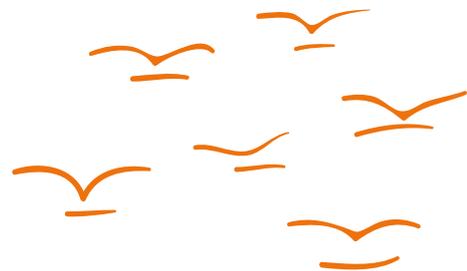




O dia 5 de novembro de 2015 marcou a história do Brasil e da mineração em todo o mundo. Nessa data, uma barragem de rejeitos de minério de ferro localizada na cidade de Mariana, no interior de Minas Gerais, rompeu-se, deixando um rastro de destruição nos Estados de Minas Gerais e do Espírito Santo. A barragem intitulada de “Fundão” pertence à mineradora Samarco, empresa formada pela brasileira Vale S.A. e pela anglo-australiana BHP Billiton.

A onda de rejeitos, contendo cerca de 30 milhões de m³, fez um percurso de destruição com mais de 600 quilômetros seguindo o curso dos rios Gualaxo do Norte, Carmo e Doce. No Estado de Minas Gerais, provocou o desaparecimento, quase que por completo, de dois subdistritos marianenses – Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo –, além de impactar outras comunidades e cidades ao longo dos rios Gualaxo e do Carmo. As perdas são incontáveis: vítimas fatais, famílias desabrigadas pela destruição de suas residências, agravos de saúde, mudanças na dinâmica sociocultural, perda da renda e da capacidade produtiva, entre tantas outras possíveis acarretadas por um deslocamento forçado, ocorrido sem nenhuma forma de aviso preventivo. Ao chegar ao rio Doce, que segue em direção ao Estado do Espírito Santo, a lama provocou o desabastecimento hídrico de vários municípios: populações inteiras se viram sem água para seu consumo. Ainda que não tenham recebido o impacto da lama diretamente em suas propriedades, as populações residentes ao longo do rio Doce sofreram com o impacto em sua fonte de sustento e vida.





Pescadores, areeiros, faiscaidores, agricultores, empreendedores do turismo, populações indígenas (a exemplo das etnias Tupiniquim, Guarani e Krenak) e ribeirinhas assistiram, com a chegada da lama, a impossibilidade de continuarem exercendo suas atividades econômicas, socioculturais e de lazer.

Nesse lugar de realidade complexa estão os impactos do rompimento da barragem da Samarco, os desdobramentos advindos do fato e os sentidos produzidos por ele fazem emergir diferentes significados, de diversas ordens, considerando os variados agentes sociais e institucionais inseridos no debate desse acontecimento, que envolve múltiplas áreas do saber, tanto no campo social como no ambiental, entre outros.

Este estudo aprofundou um contexto comunicacional desta realidade fraturada, considerando a amplitude de consequências que esse acontecimento provocou. Ainda que contida na esfera da Comunicação, a abordagem deste trabalho pretendeu ser inovadora por propor uma interface analítica entre os campos da Comunicação e do Patrimônio Cultural. A partir desse contexto interdisciplinar, este estudo teve como objetivo identificar e investigar as mudanças de sentido relacionadas a capela de Santo Antônio, em Paracatu de Baixo, após rompimento da barragem da Samarco. Para tal buscou-se compreender as reverberações do rompimento da barragem em um dos territórios atingidos pela lama de rejeitos, denominado Paracatu de Baixo.



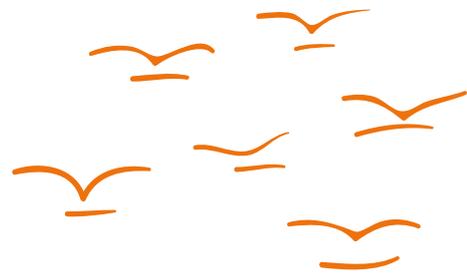
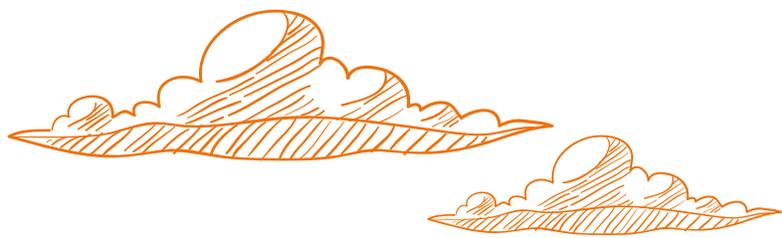


Figura 1: Ilustração - Marcela Santana

A localidade é um subdistrito do município de Mariana que, assim, como Bento Rodrigues, foi submersa pela onda de rejeitos, que levou ao deslocamento forçado de sua população. Contudo, a capela de Santo Antônio, que está localizada no coração do subdistrito, permaneceu erguida em meio à destruição promovida pela passagem da lama. O templo religioso, atualmente, possui o título de Patrimônio Cultural da cidade de Mariana, e segue em utilização pela comunidade de Paracatu que, em datas celebrativas, retorna à sua localidade de origem para a continuidade das suas manifestações socioculturais.

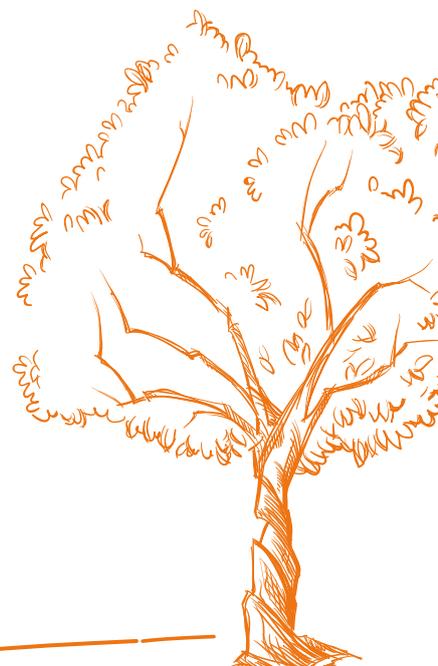


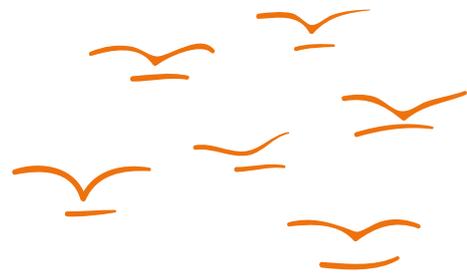
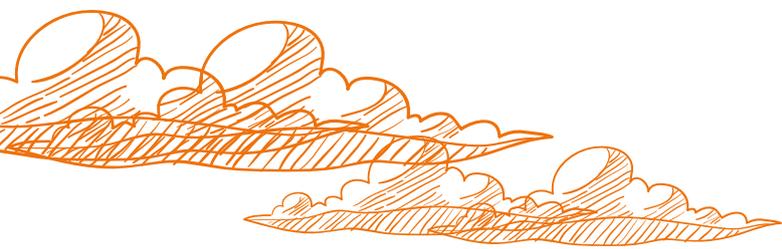


Figura 2: Capela de Santo Antônio antes da passagem da lama (imagem cedida pela comunidade).

Figura 3: Capela de Santo Antônio após passagem da lama (acervo da autora).

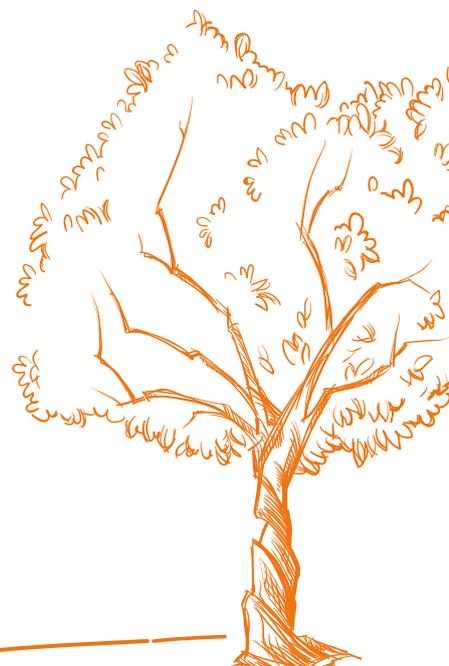
Para dar conta da investigação proposta, o percurso metodológico combinou métodos e técnicas da pesquisa qualitativa que se complementaram ao longo do estudo. A pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental fundamentaram a estruturação do arcabouço teórico e o levantamento de informações sobre a origem e a fundação do subdistrito de Paracatu de Baixo e da Capela de Santo Antônio. A análise de conteúdo suportou a avaliação de documentos relativos ao reconhecimento da Capela de Santo Antônio enquanto patrimônio cultural, bem como demais discussões em torno do uso e significações dessa capela após o rompimento da barragem de Fundão. Ademais, pelo caráter social do estudo e, por vezes, pela escassez de fontes secundárias, foi fundamental a coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas e a partir da realização de grupo focal, pela riqueza de informações que a interação do grupo poderia proporcionar.

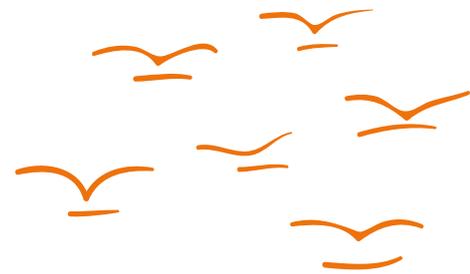




A pesquisa se dedicou, primeiramente, a compreender o cenário da realidade fraturada da localidade de Paracatu de Baixo, que abriga a Capela de Santo Antônio. A compreensão do rompimento da barragem enquanto um acontecimento possibilitou apreender não apenas as mudanças do presente, mas também as reconfigurações de um passado que não existe mais e as potências de futuro que circundam esse templo a partir desse fato traumático. Ao compreender o uso presente da capela, vê-se que o acontecimento continua a acontecer, à medida em que os antigos moradores retornam ao local para manter suas celebrações religiosas, culturais e sociais uma vez que a capela representa a centralidade sociocultural daquela comunidade. À medida em que convivem com a paisagem do entorno encoberta pela lama, vivenciam aquilo que não é mais o mesmo. O templo, cujas marcas físicas denunciam a narrativa de um crime socioambiental, reforça e materializa as alterações do cotidiano.

A nova realidade e as evidências carregadas pela capela proporcionaram uma ampliação dos olhares e discussões sobre aquele espaço. Este estudo identificou o novo lugar ocupado pelo templo religioso que, a partir da passagem da lama, passa a ser reconhecido por mais agentes sociais para além dos moradores que a utilizavam cotidianamente e, certamente, da própria Igreja Católica, enquanto instituição participante e proprietária desse espaço. Esse novo lugar fica evidenciado a partir do momento em que a capela passa a ser objeto de discussão do Conselho do Patrimônio Cultural de Mariana, arena discursiva de cunho técnico e sobretudo político, que realizou o processo de tombamento da capela e a reconheceu enquanto um patrimônio cultural do município.

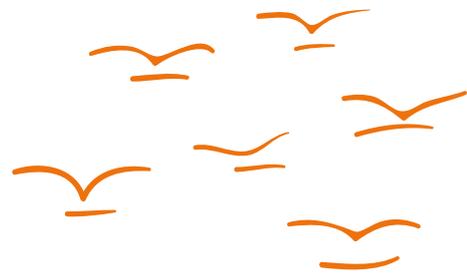
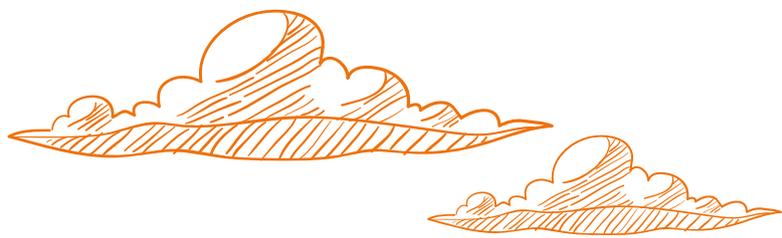




O processo de tombamento foi realizado a partir dos valores atribuídos ao templo pelos membros deste Conselho. Durante o processo de patrimonialização da capela, justificou-se a necessidade da salvaguarda da edificação em função de toda representatividade para a comunidade de Paracatu. Todavia, contraditoriamente, a comunidade não participou ativamente desse processo, tendo o Conselho agenciado o desejo dos antigos moradores a partir daquilo que a instituição julgou enquanto valores da comunidade. Esse fato ficou evidente quando das discussões sobre as intervenções necessárias para retomada do uso do templo pela comunidade. Foram as reflexões do Conselho, enquanto agente político, que trouxeram à tona, para uma pequena parcela da comunidade, a importância, da preservação das marcas da lama na edificação, ainda que não fosse esse o entendimento inicial daqueles ex-moradores escutados. Nesse sentido, a narrativa política institucional prevaleceu, revelando qual memória estava sendo mantida a partir dessa tomada de decisão.

Então, qual memória, de fato, o processo buscou manter? O valor atribuído pela comunidade de Paracatu por si só não foi suficiente, no passado, para atrair os olhares dos agentes oficiais do patrimônio do município de Mariana. O tombamento do templo só se deu a partir do acontecimento, do rompimento da barragem de Fundão, da simbologia que ele carrega na atual temporalidade. E é essa a memória que passa a ser guardada nesse processo. A patrimonialização desse templo reflete a memória da tragédia, narrada a partir da preservação das marcas da lama.

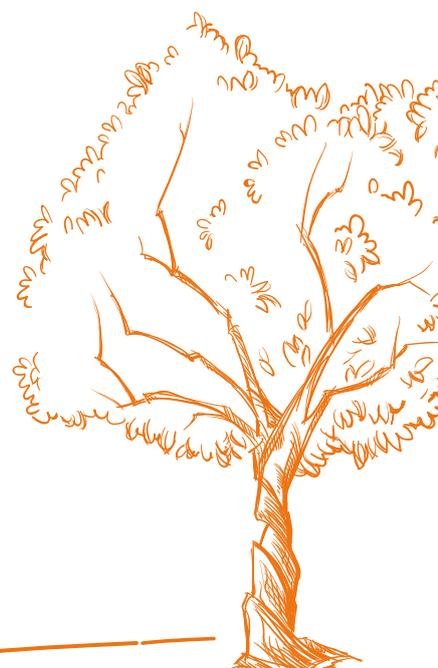


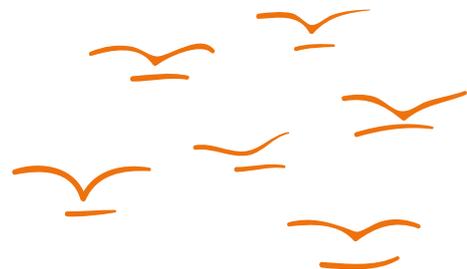


Essa percepção ficou evidenciada, também, a partir do diálogo ocorrido por meio do grupo focal, que reuniu participantes diversos, inclusive atingidos, que trouxeram claramente essa dimensão. Anteriormente ao rompimento, a capela já era um bem cultural de valor e importância para a comunidade local, independente de um reconhecimento oficial enquanto um patrimônio cultural. O templo foi erguido a partir da população, o espaço pertencia ao cotidiano dos moradores, que cuidavam e mantinham aquele templo, daí o valor e a importância atribuídos a ele. Apesar disso, a partir do reconhecimento da capela enquanto bem patrimonial oficial, a comunidade viu o uso e as decisões acerca do templo serem submetidos ao COMPAT e a outras instâncias institucionais.

Pode-se concluir que a população não perdeu o seu templo religioso devido à passagem da lama, porém perdeu a autonomia na tomada de decisão em relação ao seu uso e, inclusive, sobre destinações futuras da capela. O próprio processo de preservação cultural e física do templo pode ficar fragilizado, uma vez que, na prática, é o envolvimento da comunidade de Paracatu que faz a capela continuar existindo e resistindo.

Por fim, os procedimentos adotados permitiram afirmar que o processo de patrimonialização da capela de Santo Antônio é a própria materialização da alteração dos sentidos desse templo. Houve um processo de ressignificação oficial pelos agentes políticos e institucionais que agora fazem parte do contexto da capela. Se, antes, aquele espaço representava um bem cultural a partir do uso e dos valores atribuídos pela comunidade de Paracatu,





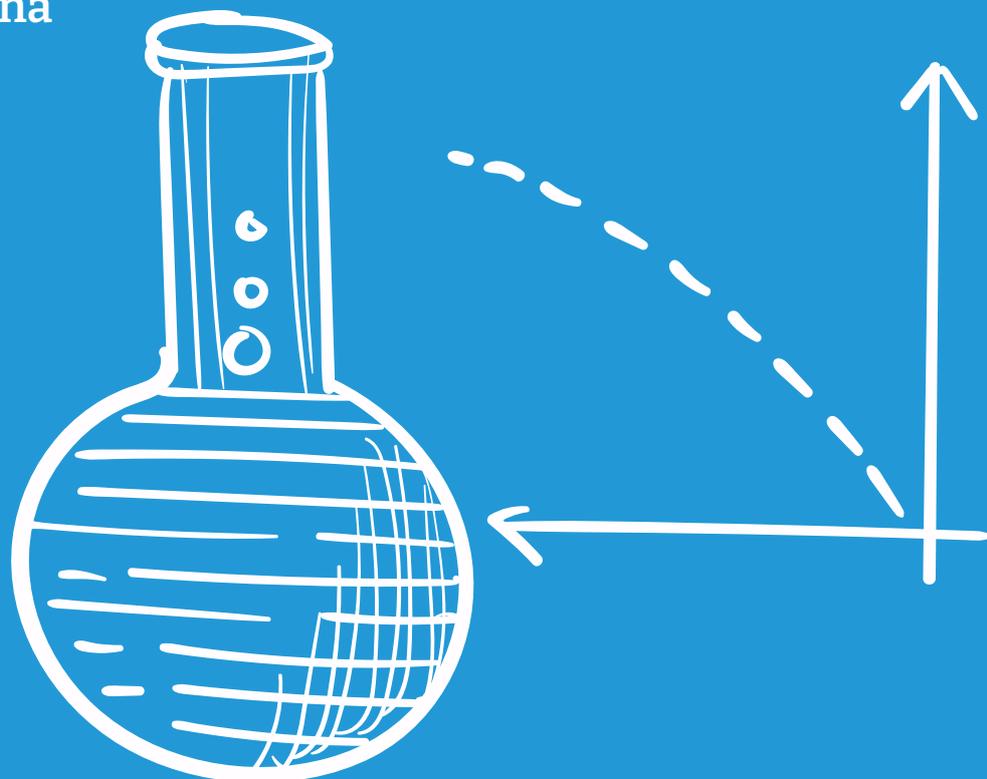
hoje ele é um bem patrimonializado pela simbologia e pela importância atribuídas pela sociedade a partir de um acontecimento de proporções catastróficas, ultrapassando as fronteiras do local, ampliando para o global.

Mesmo o tombamento da capela de Santo Antônio sendo a constatação material da alteração do sentido, não se percebeu, por meio desta investigação, que os valores anteriores da comunidade tenham sido desconsiderados. No entanto, eles foram atravessados por uma urgência que abarca a própria população atingida e extrapola os limites territoriais da comunidade de Paracatu. Espera-se que os atingidos de Paracatu de Baixo, para as discussões que seguem sobre a destinação e o uso futuro da capela de Santo Antônio, possam ser sujeitos das suas próprias histórias. E que as instituições estejam a serviço da comunidade, que precisa ter assegurado e respeitado o direito de escolher a memória que deseja guardar, e como ela seguirá representada para as gerações futuras.



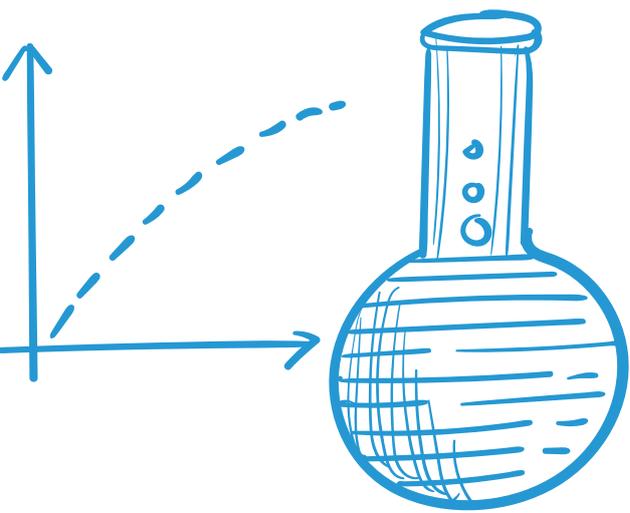
QUALIDADE DA ÁGUA NOS RIOS GUALAXO DO NORTE E CARMO APÓS O ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE FUNDÃO.

Autor: Felipe Santana





Doutor em Solos e Nutrição de Plantas pela Universidade Federal de Viçosa. Possui graduação em Engenharia Ambiental pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2014) e mestrado em Agroecologia pela Universidade Federal de Viçosa (2016). Tem experiência na área de Engenharia Sanitária, com ênfase em Engenharia Ambiental, atuando principalmente nos seguintes temas: Pedologia, geoprocessamento, modelagem digital, qualidade do meio físico ambiental, agroecologia e reutilização de resíduos. Experiência em processamento de dados e análise de resultados de levantamento Lidar. Foi membro da Sênior Consultoria Ambiental Júnior. Participou da Operação Açaí pelo Projeto Rondon em 2012 e nas Operações Antárticas XXXVI (2017/2018) e XXXVII (2018/2019) pelo Projeto Terrantar. Atualmente é Especialista em Geoprocessamento Pleno na AECOM do Brasil.





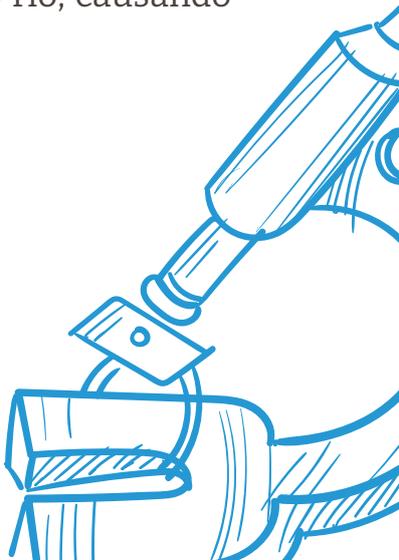
INTRODUÇÃO

O estado de Minas Gerais, no sudeste do Brasil, extraiu mais de 406 milhões de toneladas de minério de ferro em 2017, o que representou 68% da produção brasileira de Fe, além de possuir 81,6% das reservas de ferro do país. No entanto, o volume de minério extraído resulta em um alto passivo ambiental, devido à quantidade de rejeitos gerados no processamento do minério (Schaefer et al. 2016).

Unidades de Tratamento de Minério (UTM); consiste em etapas sucessivas para concentrar o minério de ferro, operar logo após a extração, com fragmentação do minério, concentração para flotação e drenagem, no procedimento úmido, como no caso da barragem de Fundão (Quaresma 2009). Nesta unidade, as barragens de rejeitos são o destino final do material rico em sílica sem valor de mercado (Rao et al 2016).

A barragem de Fundão, localizada no município de Mariana, MG, foi caracterizada como empreendimento de baixo risco e alto potencial poluidor associado, segundo o Cadastro de Barragens Minerais do DNPM (Departamento Nacional de Produção Nacional). Foi originalmente projetado para receber mais de 100 milhões de toneladas de rejeitos de minério, incluindo rejeitos finos e arenosos (SUPRAM 2008).

Em novembro de 2015, após sucessivas adaptações para aumentar o volume de contenção, ocorre o rompimento da barragem de rejeitos de Fundão na zona liberando 43,8 milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração, diretamente na bacia hidrográfica do Rio Doce, atingindo mais de 600 km a jusante até a foz do Rio Doce, e o Oceano Atlântico (Golder Associates 2017). A pluma de lama teve alta turbulência e arrastou uma mistura de materiais do leito do rio que anteriormente estavam inertes no fundo do rio, causando

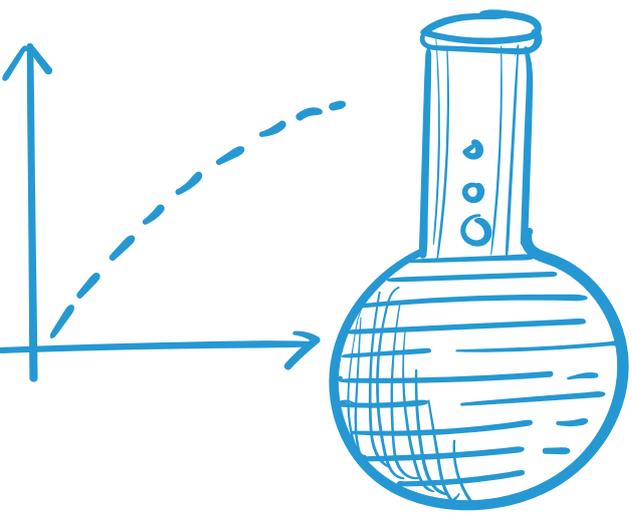




alterações nos parâmetros de qualidade da água em diferentes níveis (Coimbra et al. 2019). As principais características da pluma foram baixos teores de argila e altos teores de silte e areia, além de baixos valores de metais pesados, com exceção do manganês (Schaefer et al. 2016).

Desde o rompimento da barragem de Fundão, o monitoramento da qualidade da água na Bacia do Rio Doce tornou-se um fator relevante para garantir a potabilidade e restaurar a vida nas áreas afetadas. Esse monitoramento não se refere apenas ao material pertencente ao rejeito da barragem de Fundão, mas também ao material do leito do rio que foi remexido e transportado nos rios afetados.

Sabe-se que alguns materiais inertes podem afetar a qualidade da água, dependendo do volume suspenso ou dissolvido na água, afetando as comunidades ribeirinhas. No presente trabalho avaliamos a qualidade da água dos rios Gualaxo do Norte e Carmo na primeira zona, logo abaixo do rompimento da barragem de Fundão. Os efeitos dos rejeitos na qualidade da água com relação aos parâmetros físicos e químicos, sua interação e tirar inferências sobre o processo de recuperação das áreas afetadas.





MATERIAL E MÉTODOS

Dados anteriores de qualidade da água obtidos em 1999 por Costa (2001) dos rios Gualaxo do Norte e Carmo foram usados como referência pré-colapso. Para dados de qualidade da água após o colapso, usamos características físicas e químicas e comportamento espectral das águas contaminadas nos rios Gualaxo do Norte e Carmo obtidos em 2016 por Foesch et al. (2020). Deve-se ressaltar que o trecho superior do rio Carmo antes da foz de Gualaxo do Norte não foi afetado por nenhuma deposição de rejeitos após o rompimento da barragem de Fundão, representando uma referência para o histórico local.

Além disso, foram coletadas amostras de água, mensalmente, ao longo dos anos de 2017 a 2019. As amostras foram coletadas a uma profundidade máxima de 30 cm com o auxílio de uma broca de 2 m na margem do canal. Análises in situ de parâmetros físico- químicos (pH, temperatura) foram realizadas com sonda multiparamétrica e coletas de amostras simples de água segundo APHA (2005) em 13 locais distribuídos em locais de fácil acesso locais com baixa perturbação, ao longo dos rios Gualaxo do Norte e Carmo. No total, foram realizadas 325 coletas nas 25 campanhas de campo na área de estudo.

Em laboratório, foram determinadas as seguintes características físicas e químicas: sólidos totais em suspensão (SST), turbidez e cor; e solúveis em água: cromo (Cr), cobre (Cu), manganês (Mn), ferro (Fe), cádmio (Cd), zinco (Zn) e alumínio (Al).

Para análise dos metais dissolvidos, as amostras de água foram filtradas através de membrana de acetato de celulose (retenção de partículas 0,45 μm), em seguida os teores de Cr, Cu, Mn, Fe, Cd, Zn e Al dissolvidos em água foram determinados.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Agrupando todas as variáveis pelos setores dos rios, e classificando-as nos períodos seco e chuvoso, verifica-se que no período chuvoso 53,5% da variância é explicada pela soma das duas primeiras dimensões, confirmando a correlação das variáveis Zn, Al, Mn, Fe, cor e turbidez neste aglomerado (Figura 1). Para TSS, precipitação de 10 dias, precipitação de 20 dias (precipitação acumulada 10 e 20 dias antes da coleta), temperatura, Cu, Cd e Cr explicam 34% da variação na dimensão 1, mostrando que o efeito dos valores de precipitação acumulada 10 e 20 dias antes da coleta da amostra afeta a temperatura e as quantidades dissolvidas de Cu, Cd e Cr. Nesse caso, as elipses são muito semelhantes, o que indica que os três setores avaliados são semelhantes do ponto de vista dos parâmetros avaliados, consistente com a análise descritiva dos dados.

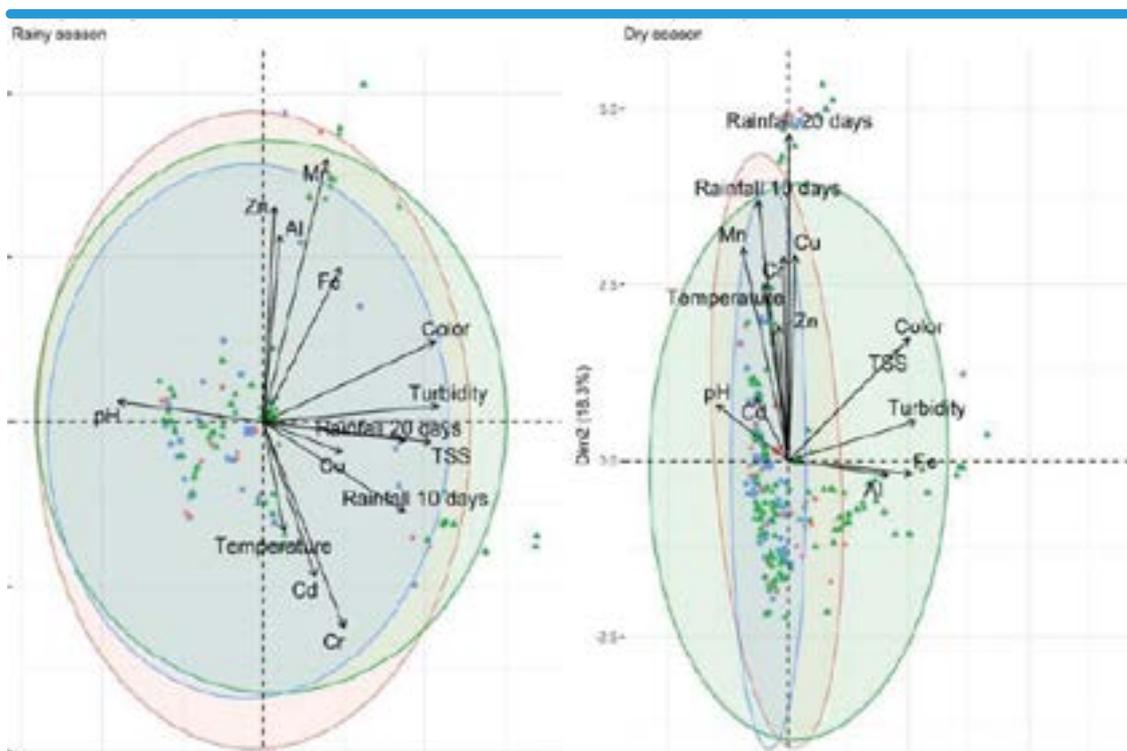


Figura 1: PCA para os dados das estações chuvosa e seca avaliados de abril de 2017 a janeiro de 2019 agrupados por setores do rio

Na estação seca (Figura 1) o comportamento dos setores a montante e a jusante do Rio do Carmo são semelhantes, sendo diferenciado o do Rio Gualaxo do Norte. As variações das variáveis TSS, turbidez, Cor, precipitação 10 dias e Cu são explicadas pelas dimensões 1 e 2. Fe e Al são explicadas pela dimensão 1, que distingue o rio Gualaxo do Norte dos demais setores avaliados no período seco. As demais variáveis são explicadas pela dimensão 2, sendo que para Cd e Zn os vetores são menores em ambas as dimensões, apresentando valores de carga menores. Duas dimensões explicam 49,8% da variância.

Ao realizar o PCA para o período de abril a setembro de 2016 (Figura 2), para os mesmos rios avaliados, porém em pontos diferentes, foi possível verificar a relação das variáveis Cd e Cr, sendo suas variâncias melhor explicadas pela dimensão 2 do que pela dimensão 1. Também observamos altos valores de razão de alguns parâmetros químicos como Fe, Cu, Al e Mn com as variáveis físicas de turbidez e cor, explicadas pela dimensão 2.

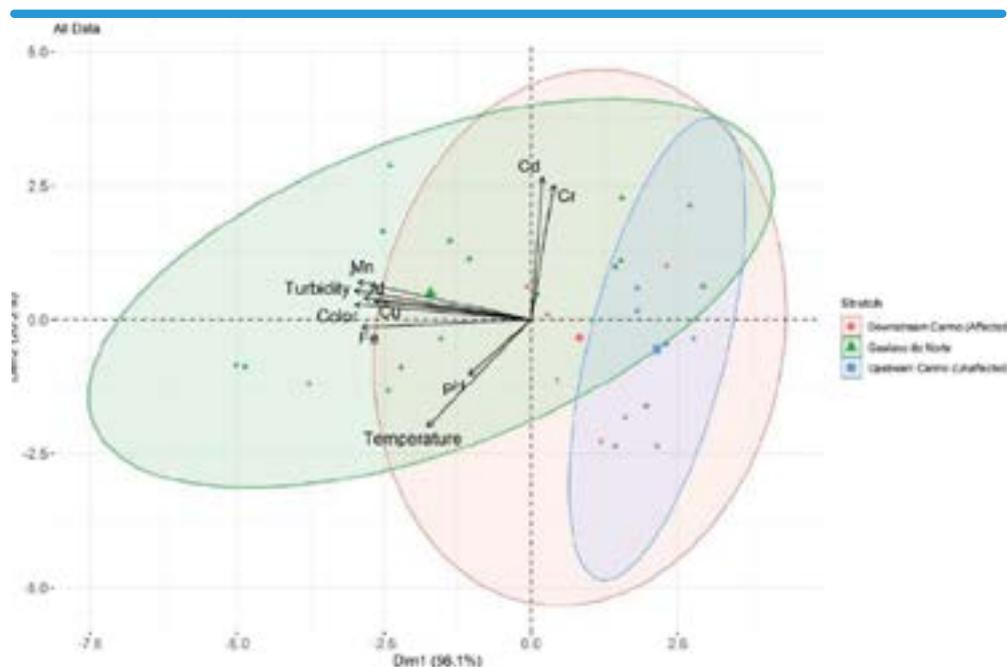


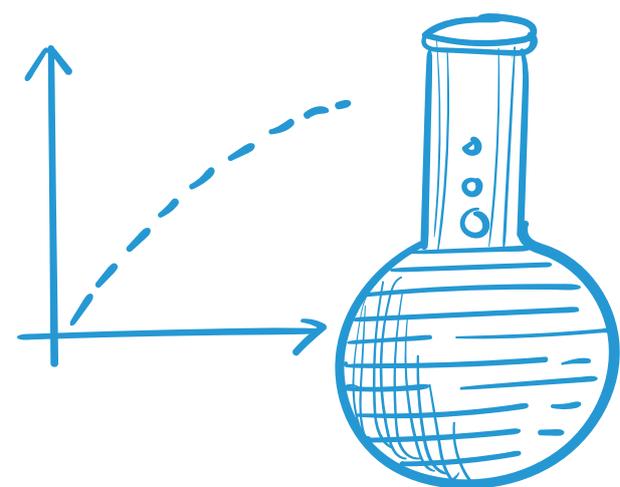
Figura 2: PCA para dados coletados no período seco do ano de 2016 por Foesch (2020) nos rios Gualaxo do Norte e Carmo.



A pluviosidade influencia a variabilidade do pH (Girardi et al. 2016), e em média o valor aumentou 0,5 pontos no período chuvoso quando comparado ao período seco. No entanto, em uma área de mineração de calcário, onde o CaCO_3 contribui para as mudanças de pH, o aumento do pH pela dissolução de carbonatos ocorre na estação seca, quando a diluição é reduzida (Fritzsons et al. 2009). A variação do pH influencia outras variáveis físico-químicas (Girardi et al. 2016), e maior acidez leva à solubilidade de metais, principalmente Cu, Mn e Fe (Yabe e Oliveira 1998). No entanto, com o aumento das chuvas, foram detectadas concentrações crescentes de Pb, Cd, Ni, Cr e Cu, atribuídas à erosão do solo. Embora Fe e Al tenham apresentado concentração reduzida após a implementação das atividades de recuperação, picos de turbidez acima de 100 NTU continuaram registrados após as medidas.

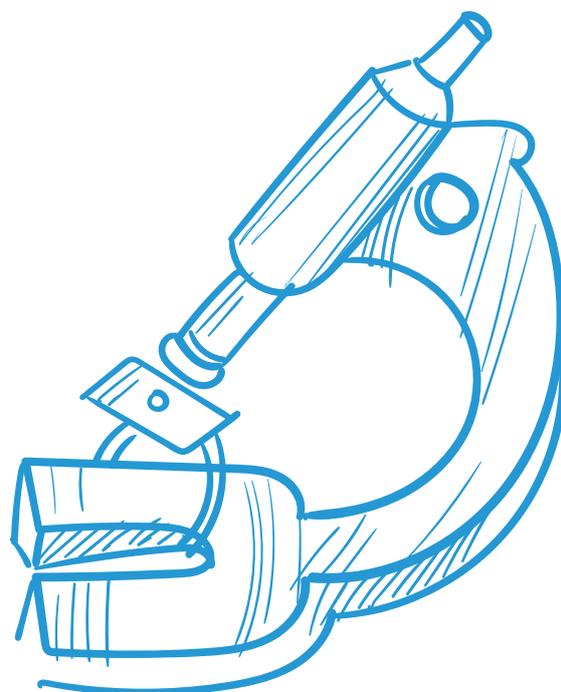
Valores elevados e anormais de Fe dissolvido foram registrados antes de 2015, pois teores acima de 2 mg L^{-1} foram detectados em 1999. Nesse trecho, mesmo com o rompimento da barragem de Fundão, tais valores não foram observados. Após a ruptura, o maior teor de Fe foi de $0,75 \text{ mg L}^{-1}$, e Fe diminuiu significativamente após as atividades de recuperação. No geral, a concentração de Fe aumentou na estação seca com menor volume de água (Correll et al. 1982), e ocorreu antes e depois do rompimento da barragem de Fundão.

Os valores de Al dissolvido atingiram o pico em 2016, mas diminuíram após as atividades de recuperação, atingindo teores semelhantes aos valores pré-ruptura. A turbidez também diminuiu após as atividades de recuperação, com picos sazonais observados no início de 2018 e início de 2019. Após as atividades de recuperação, os valores de turbidez seguiram a mesma tendência sazonal comparando os três setores, com redução geral devido à implantação de vegetação na recuperação do margens e preenchimento.



CONCLUSÕES:

Após o rompimento da barragem de Fundão, a turbidez do rio Gualaxo do Norte- Carmo atingiu valores nunca antes registrados, e o Gualaxo do Norte apresentou valores de turbidez cinco vezes superiores aos exigidos para rios classe 2. Em média, os valores de turbidez foram geralmente superiores aos estabelecidos para as classes de rio 1 a 3 no rio Gualaxo do Norte, e reduzidos no trecho do rio Carmo, a jusante.



REFERÊNCIAS:

- APHA, A. P. H. A. (2005). Standard Methods for the *Examination of Water and Wastewater*. (L. S. Clesceri, A. E. Greenberg, & A. D. Eaton, Eds.) (21st ed.). Washington, DC.
- Coimbra, K. T. O., Alcântara, E., & de Souza Filho, C. R. (2019). An assessment of natural and manmade hazard effects on the underwater light field of the Doce River continental shelf. *Science of the Total Environment*, 685, 1087–1096. <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2019.06.127>
- Correll, D. L., Goff, N. M., & Peterjohn, W. T. (1982). Ion Balances Between Precipitation Inputs and Rhode River Watershed Discharges. In *Geological aspects of acid deposition* (7th ed., pp. 77–111). Las Vegas, NV.
- Costa, A. T. (2001). *Geoquímica das águas e dos sedimentos da bacia do rio Gualaxo, Leste-Sudeste do Quadrilátero Ferrífero (MG): Estudo de uma área afetada por atividades de extração mineral*. Universidade Federal de Ouro Preto.
- Foesch, M. D. S., Francelino, M. R., Rocha, P. A., & Gomes, A. R. L. (2020). River Water Contamination Resulting from the Mariana Disaster, Brazil. *Floresta e Ambiente*, 27(4), 2–10. <https://doi.org/10.1590/2179-8087.013218>
- Fritzsons, E., Mantovani, L. E., Chaves Neto, A., & Hindi, E. C. (2009). A influência das atividades mineradoras na alteração do pH e da alcalinidade em águas fluviais: o exemplo do rio Capivari, região do carste paranaense. *Engenharia Sanitária e Ambiental*, 14(3), 381–390. <https://doi.org/10.1590/s1413-41522009000300012>
- Girardi, R., Pinheiro, A., Garbossa, L. H. P., & Torres, É. (2016). Water quality change of rivers during rainy events in a watershed with different land uses in Southern Brazil. *RBRH*, 21(3), 514–524. <https://doi.org/10.1590/2318-0331.011615179>
- Golder Associates. (2017). *Programa de Monitoramento Quali-Quantitativo Sistema de Água e Sedimentos*.
- Quaresma, L. F. (2009). Projeto de assistência técnica ao setor de energia - Perfil da Mineração de Ferro. *Ministério de Minas - MME*, 4–56.
- Rao, G. V., Markandeya, R., & Sharma, S. K. (2016). Recovery of Iron Values from Iron Ore Slimes of Donimalai Tailing Dam. *Transactions of the Indian Institute of Metals*, 69(1), 143–150. <https://doi.org/10.1007/s12666-015-0809-0>
- Schaefer, C. E. G. R., Santos, E. E. dos, Fernandes Filho, E. I., & Assis, I. R. de. (2016). Paisagens de Lama: Os Tecnossolos para recuperação ambiental de áreas afetadas pelo desastre da barragem do Fundão, em Mariana. *Boletim informativo da SBCS*, 1(1), 18–23.
- SUPRAM, S. R. de M. A. e D. S. (2008). Parecer Único SUPRAM - ZM Processo(s) No: 00015/1984/066/2008, 18.
- Yabe, M. J. S., & Oliveira, E. de. (1998). Metais pesados em águas superficiais como estratégia de caracterização de bacias hidrográficas. *Química Nova*, 21(5), 551–556. <https://doi.org/10.1590/s0100-40421998000500003>

O JOÃO-DE-BARRO E MAR DE LAMA:

o rompimento das barragens
de Fundão e Brumadinho sob a
ótica da literatura infantil.

Autora: Graziela Reis

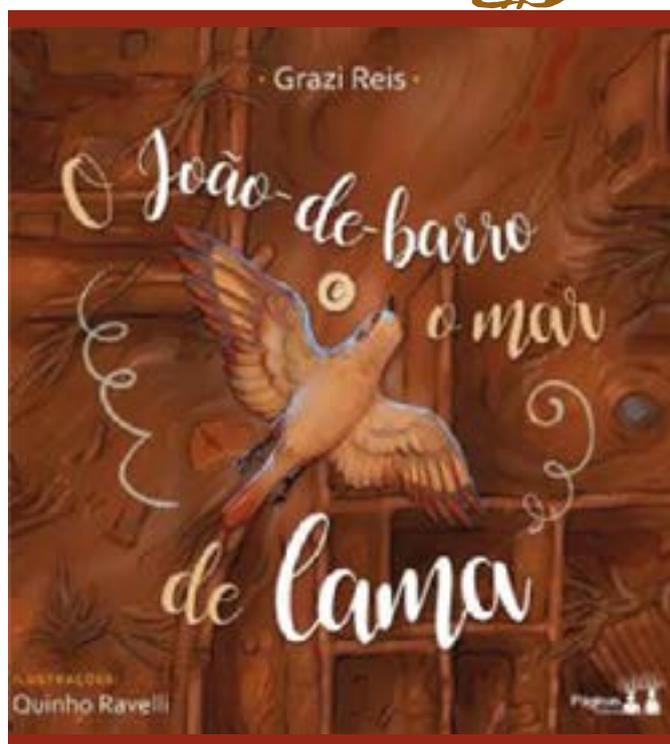




Graziela Sant'Ana Reis é jornalista, nasceu em 16 de junho de 1975, em Varginha (MG). Quando criança, dizia que queria ser “escrivista”. Formou-se como jornalista na PUC-Minas, pós-graduada em Gestão de Sustentabilidade (Fundação Dom Cabral) e em Jornalismo Digital (Centro Tecnológico de Monterrey/México). Foi jornalista por quase 20 anos no Jornal Estado de Minas (editoria de Economia e Agropecuária). Foi gestora de conteúdo e editora da Revista FAEMG/SENAR. Foi contadora de histórias voluntária no Instituto Infantil Chico Xavier. Hoje, além de escritora, é cafeicultora em Varginha (Sul de Minas) e empresária. Também é sommelière profissional, formada pela ABS Minas. A autora também escreve contos e foi convidada para participar do livro “Sombras”, coletânea de contos de autores mineiros lançada em 2007. Ainda participou da antologia “Elas, o Amor, os Ramos”, com a poesia Jardim Urbano de Ramos Entrelaçados (2020); e da coletânea “Estação dos Versos”, da Prefeitura de Varginha, com a poesia Café com História e Coração (2023).



Do alto de um Ipê amarelo incrustado nas montanhas de Minas, um João-de-barro vê a lama escorrer da barragem de Fundão, destruir Bento Rodrigues e seguir rumo ao mar. A narrativa simples e objetiva é o foco do livro infantojuvenil “O João-de-Barro e o Mar de Lama”, escrito pela jornalista Grazi Reis. A publicação pela Páginas Editora, que apresenta as ilustrações primorosas do premiado cartunista Quinho Ravelli, foi lançada em 10 de novembro, em Belo Horizonte.



O livro conta a história da maior tragédia ambiental do Brasil. Aborda os principais pontos: o rompimento da barragem de Fundão, nas proximidades de Mariana, a fuga dos moradores de Bento Rodrigues, a destruição do vilarejo, o percurso da lama até o mar e o drama dos moradores que perderam suas casas.

O personagem que narra a história é o João-de-barro, Jão. Do alto de sua árvore e voando pelas proximidades, ele vê a lama avançar. Jão fica apreensivo, perde o fôlego. “E Jão chorou...” destaca o trecho em que ele vê vidas e sonhos sendo levados pela lama. O livro ainda tem um glossário explicativo sobre questões tratadas na narrativa, como a composição da lama. Grazi Reis é jornalista. Trabalhou por quase 20 anos, de 1997 a 2017, no jornal Estado de Minas como repórter e subeditora de Economia, chegando à editora de Agropecuária. Foi assessora de imprensa da Fundação Renova, de maio de 2017 a abril de 2018, onde produziu conteúdo específico sobre o tema e acompanhou de perto o drama da tragédia de Mariana



(a Fundação Renova foi criada por meio de um Termo de Transação e de Ajustamento de Conduta para cuidar dos impactos causados pelo rompimento da barragem de Fundão). Como era prestadora de serviço para a Rede Comunicação e a mesma perdeu a conta da Fundação Renova, Grazi Reis passou em seleção do Sistema FAEMG/SENAR e foi trabalhar como editora de conteúdo e editora da revista da instituição, com reportagens voltada para os produtores rurais mineiros. Foi ali que surgiu a ideia de escrever o livro sobre a tragédia, com narrativa própria para crianças.

“O João-de-Barro e o Mar de Lama” é o primeiro livro infantojuvenil escrito por Grazi Reis. “Desde que comecei o trabalho na Fundação Renova, e vi de perto o drama da tragédia de Mariana, pensei em contar esta história de uma forma que não fosse tão pesada”, afirma. “A escolha do personagem João-de-Barro como narrador foi pelo fato dele usar o barro para construir sua própria casa. Ele e os filhotes já têm suas casinhas na região. E, após três anos do rompimento de Fundão, os moradores de Bento Rodrigues ainda seguíam na espera pela reconstrução de seu vilarejo e de seu modo de vida”, reforça.

A redação do livro foi feita de forma muito simples. Como é um texto para crianças, não teria razão buscar complicações. Em cerca de três horas o livro estava escrito. A partir daí, como era admiradora do trabalho do Quinho, Grazi o procurou para ver se ele aceitava o desafio de produzir as ilustrações. De pronto, ele topou. Em uma reunião no Boulevard Shopping, conversaram sobre a linha de trabalhos. E ele se inspirou imediatamente. Dali a pouco, as ilustrações estavam prontas. A Páginas Editora foi escolhida para trabalhar com a diagramação e dar forma para o livro.





A primeira edição do livro “O João-de-Barro e o Mar de Lama”, foi lançada na loja de brinquedos Traquitana, no bairro São Pedro, em Belo Horizonte. O livro também foi lançado em Varginha, terra natal da escritora, em 1º de dezembro de 2018.

DOAÇÃO:

Cento e cinquenta crianças diretamente afetadas pelo rompimento da barragem da Samarco em 2015, em Mariana, receberam, gratuitamente, em 23 de março de 2019, o livro “O João-de-Barro e o Mar de Lama, de Grazi Reis, com ilustrações de Quinho Ravelli. A obra aborda a tragédia que atingiu as comunidades de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, e os estudantes dessas escolas eram os mais merecedores para receber uma cópia do livro autografado, com ilustração feita na hora pelo Quinho. A ação foi realizada por meio do Clube do Livro Infantil Solidário (Clis), desenvolvido pela Páginas Editora, no espaço Casa Jardim, que pertence à Fundação Renova, em Mariana.

Na ocasião, houve contação de histórias com a contadora e escritora Vanessa Corrêa. Todas as crianças receberam o livro gratuitamente e, na sequência, houve o lançamento da obra para moradores de Mariana. “Foi com muito carinho que promovemos a doação às crianças de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo. Elas são vítimas dessa tragédia do mar de lama... É a história delas. O livro deve ser um presente, para que recebam a mensagem do ‘Jão’ sobre o perigo das barragens e para que possam sempre buscar ‘voar mais alto’”, diz Grazi Reis.



TRAGÉDIAS DE MARIANA E BRUMADINHO EM UMA ÚNICA OBRA

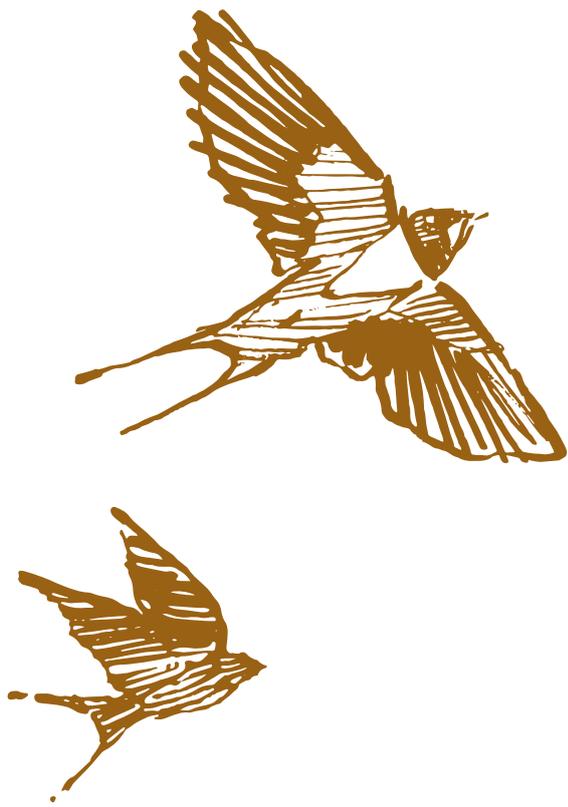
A segunda edição do livro *O João-de-barro e o mar de lama*, de Grazi Reis, publicado pela Páginas Editora, foi lançada em 6 de julho de 2019 com epílogo sobre a tragédia de Brumadinho. A obra já abordava o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, que atingiu as comunidades de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo e diversos municípios de Minas e do Espírito Santo, que ficam à margem do Rio Doce.

Com o novo trecho, que narra o rompimento da barragem de Córrego do Feijão, em Brumadinho, o objetivo da autora era de que as crianças pudessem ter as informações sobre os dois mares de lama que atingiram cidades mineiras em uma única obra, em linguagem adequada para elas.

No livro, a autora narra o acontecimento da tragédia de Mariana pelo ponto de vista de um João-de-barro preocupado em construir um novo lar. O mesmo “Jão”, no epílogo, voa até Brumadinho e presencia os estragos feitos pelo tsunami de rejeitos que destruiu vidas e sonhos. “Meu desejo é que tragédias como essas não se repitam. Por isto, é importante conscientizar as crianças”, destaca Grazi. Para compor a obra, a ilustração do epílogo também foi feita pelo renomado artista Quinho. Em toda o livro, as imagens expressam, de forma impactante, a imagem da destruição causada pelos mares de lama. Para isso, ele utilizou vários recursos, entre eles, o reforço no tom marrom, que cobre toda a capa da obra.

O lançamento da segunda edição foi na Livraria Leitura do Pátio Savassi, em Belo Horizonte. O livro “*O João-de-Barro e o Mar de Lama*” também foi apresentado pela Grazi em diversas escolas de Belo Horizonte e de Varginha.





CONHEÇA MAIS

As gravações dos webinários Conhecimento em Pauta estão disponíveis na plataforma interativa do CIT. Lá também é possível consultar os estudos que basearam as palestras.

ACESSE

Retrato de barro: um recorte fotográfico à margem da sociedade brasileira após o rompimento da barragem de Fundão.

→ Autor: Lucas Bois

 Assista aqui

Da realidade fraturada a patrimônio cultural: o rompimento de Fundão e o processo de patrimonialização da Capela de Santo Antônio em Paracatu de Baixo.

→ Autora: Tamara Marques

 Assista aqui

Qualidade da água nos rios Gualaxo do Norte e Carmo após o rompimento da barragem de Fundão.

→ Autor: Felipe Santana

 Assista aqui

O João-de-barro e mar de lama: o rompimento das barragens de Fundão e Brumadinho sob a ótica da literatura infantil

→ Autora: Graziela Reis

 Assista aqui

www|

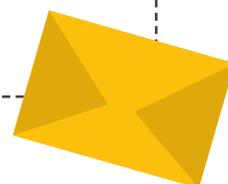


PARTICIPE DA CONSTRUÇÃO DO ACERVO DIGITAL SOBRE O ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE FUNDÃO



Para participar, acesse:

citdoriodoce.org



[clique aqui!](#)

